

## IMPLICAÇÕES DA AFETIVIDADE NO ENSINO FUNDAMENTAL<sup>1</sup>

*FARIA<sup>2</sup>; MAZOLENE<sup>3</sup>; et. al.*

**RESUMO:** Esta investigação explora o tema ‘Implicações da afetividade no ensino fundamental’, com foco no objeto ‘relações da afetividade com a aprendizagem’. O objetivo é buscar esclarecimentos teóricos e confrontá-los com informações empíricas, para a elaboração de uma conclusão acerca do objeto. A metodologia é uma investigação qualitativa, fundamentada na teoria fenomenológica. Tem como referências autores como Durand (1997); Faria (2019); Freire (1996); Husserl (2000); Merleau-Ponty (1999); Rossini (2012); Tassoni (2013); Triviños (1987); e, Wallon (1995; 2008), dentre outros. Os resultados teóricos constataam que os processos afetivos coexistem e interagem com os cognitivos de modo que, reciprocamente, um deve ser adaptado a sustentar o outro, em suas interdependências; os resultados empíricos indicam que este objeto ainda não é cientificamente bem compreendido, nem explorado como acelerador da aprendizagem pelos docentes do Ensino fundamental; e, as manifestações dos estudantes investigados confirmam os pressupostos teóricos.

**Palavras-chave:** Afetividade. Cognição. Aprendizagem. Ensino fundamental.

### 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho está motivado pela necessidade de aprofundar conhecimentos acerca de afetividade no Ensino Fundamental e desenvolver habilidades de estudantes de Pedagogia na produção de texto acadêmico, sob a orientação docente, em laboratório.

De modo previamente discutido, as estudantes optaram unanimemente pela sugestão de uma delas em estudar o tema aqui explorado, com o título de ‘Implicações da afetividade no Ensino Fundamental’ e foco no objeto: ‘relações da afetividade com o ensino’.

O objetivo específico do trabalho é buscar esclarecimentos teóricos e confrontá-los com informações resultantes de uma investigação empírica, para a elaboração de uma conclusão acerca do objeto: ‘relações da afetividade com o ensino’.

A metodologia é uma investigação fenomenológica qualitativa teórica e empírica.

A investigação apresenta-se estruturada com os seguintes tópicos de abordagem: Caracterização da instituição escola e Concepções científicas de afetividade; Concepções de

---

<sup>1</sup> Trabalho orientado com produção discente coletiva em laboratório.

<sup>2</sup> Prof. Orientador Msd. Luiz Antônio de Faria; e,

<sup>3</sup> Representante dos Estudantes do 3º período de Pedagogia da Faculdade Alfredo Nasser, na disciplina Leitura e Produção de Textos, no 1º semestre de 2019.

afetividade no senso comum; Os dados da investigação empírica; Concepções de 3 pessoas leigas a assuntos da Educação formal acerca de afetividade; Síntese dos 3 depoimentos de pessoas leigas a assuntos da Educação formal acerca de afetividade; Concepções de 12 pessoas profissionais e leigas em assuntos da Educação formal acerca de afetividade; Síntese dos 12 depoimento de profissionais em assuntos da Educação formal acerca de afetividade; e, Docência e afetividade no Ensino Fundamental. Como depoentes estão 10 crianças e adolescentes estudantes em escolas da Região Metropolitana de Goiânia.

As Considerações finais apresentam a síntese dos resultados do confronto entre os pressupostos teóricos sobre ‘afetividade’ com: – as conclusões acerca da compreensão de pessoas leigas no assunto, profissionais da Educação, crianças e adolescentes estudantes em Campinas, São Paulo, e na Região Metropolitana de Goiânia, Goiás, Brasil.

## **2 METODOLOGIA**

A metodologia é uma investigação fenomenológica qualitativa teórica e empírica. A parte teórica fundamenta-se na Legislação brasileira que rege a Educação formal e autores como Durand (1997); Faria (2019); Freire (1996); Husserl (2000); Merleau-Ponty (1999); Rossini (2012); Tassoni (2013); Triviños (1987); e, Wallon (1995; 2008), dentre outros. A abordagem empírica tem como sujeitos depoentes pessoas leigas em educação formal, profissionais da educação formal, crianças e adolescentes estudantes em escolas da Região Metropolitana de Goiânia e de uma escola de Campinas, estado de São Paulo, cujos depoimentos acerca de suas impressões como atores do processo de aprendizagem, coletados no ano de 2010 e 2011, por Tassoni (2013) e pelos autores deste trabalho (2019). Na entrevista semiestruturada, as crianças e adolescentes responderam ao questionamento: “O que a professora faz, os professores fazem de bom e de ruim para você aprender ou não aprender?”; e, os profissionais da Educação responderam ao questionamento: “O que é afetividade no Ensino Fundamental?”

A observação inicial da problemática sustenta-se na subjetividade interpretativa, como asseguram Braga e Tuzzo (2016, p. 144), ao afirmarem que

[...] o homem deve ser colocado no centro das ciências sociais e que devemos abraçar e estudar a subjetividade para sermos objetivos. [...] a ciência exprime enunciados lógicos, objetivos e racionais, mas a subjetividade é necessária na interpretação.

Esse pressuposto induz à ideia de que a elaboração, a aprovação e a aplicação de documentos legais estão fundamentadas também nas subjetividades de pessoas que com eles se envolveram e se envolvem por meio do instrumento denominado linguagem, que é uma forma de representação de intencionalidades.

Durand (1997) define a “factividade” como caráter comum de todas as maneiras de se exprimir, ou seja, o espírito de um sujeito manifestante sedia um fenômeno que age e reage sobre o espírito de outro ser, assim como um grito ou um gemido, signos do tipo índice – o mais inteligível dos signos, se tornam linguagem ao se transfigurarem com valor factivo, porque remetem a fatos.

Faria (2019, p. 3) diz que “Os seres humanos se agrupam e se educam, voluntária ou mesmo involuntariamente, porque são incompletos e necessitam da permanente partilha de diferentes práticas, potenciais e saberes modificados historicamente nas relações sociais.” Segundo interesses específicos ou opções ou imposições, um tipo de força física, de saber ou de poder de um sujeito complementa outro tipo de força física, de saber ou de poder de outro, constituindo a negação ao ócio, ou seja, a ocupação para a qual cada sujeito se especializa ao longo da existência, além da parceria ou agrupamento para a proliferação e preservação da espécie. Se o estar no mundo e a leitura do mundo no mais amplo sentido produz no leitor alguma sensação de bem ou mal estar, em ambos os casos tal sujeito torna-se locutor de sua própria sensibilidade na representação do mundo, para sensibilizar outro alocutário.

O senso comum também não entende a afetividade como tudo o que resulta em insatisfação.

Na teoria de Wallon (2008, p. 224),

[...] do ato motor à representação houve transposição, sublimação desta intuição que, de incluída nas relações entre o organismo e o meio físico, se tornou esquematização mental. A evolução ocorrida entre o ato e o pensamento explica-se simultaneamente pelo oposto e pelo mesmo.

Então, aqui Wallon afirma que há uma transposição de intuições (informações) do movimento físico para esquematização mental (memória), ou seja, o movimento físico produz sensações que são armazenadas no cérebro. Este armazém de informações é a memória à qual o cérebro recorre para elaborar o pensamento. O oposto também ocorre quando o cérebro incita a memória e esta se materializa em forma de movimento já realizado (reflexo) ou movimento novo (previamente pensado).

A dimensão motora, a afetiva e a cognitiva constituem a identidade da pessoa e, por mais que forem consideradas diferentes, integram-se de modo tão íntimo que qualquer manifestação de uma delas implica na participação das outras duas. A atividade humana simples ou complexa realiza-se somente com a interligação das citadas dimensões de sua identidade. A ação motora implica na afetiva e cognitiva, a ação afetiva implica na motora e cognitiva e a ação cognitiva implica na motora e afetiva.

Para Tassoni (2013, p. 541), “O que se faz, diz, pensa, sente, aprende referem-se a processos sociais que compõem a história de cada sujeito envolvido, assim como este também interfere na constituição do contexto em que as situações ocorrem.”, ou seja, *o que se faz é a atividade motora, o que se sente é a atividade afetiva e, o que se pensa é a atividade cognitiva*. Estas três atividades acontecem simultaneamente, de modo interligado e, sempre dependentes uma das outras duas. A repetição deste processo ativo resulta em conhecimento ou resultado cognitivo, o que é chamado de habilidade cognitiva e cobrado nas avaliações escolares.

Entretanto, o senso comum separa teoria e na prática cada uma destas três atividades, além de não entender a afetividade como tudo aquilo que decorre do verbo afetar.

Na mesma página, Tassoni (2013, p. 541) considera que as crianças, em suas experiências,

[...] envolvem não só informações sobre o mundo, mas a forma como são expressas pelas pessoas e, ainda, as reações destas em cada contexto. Os alunos elaboram ideias sobre o mundo e sobre si mesmos – suas dificuldades e superações. Essas ideias produzem sentimentos agradáveis e desagradáveis, que colocam em relação os processos afetivos e cognitivos, possibilitando que os alunos percebam sua própria evolução.

Segundo as palavras desta autora, a afetividade, conforme as ciências da educação, implica em ‘dificuldades e superações’, ‘sentimentos agradáveis e desagradáveis’, permitindo que os estudantes tomem decisões e ‘percebam sua própria evolução’. Tudo isso numa concepção contrária à do senso comum que considera que a afetividade só gera sentimentos agradáveis.

Assim, para Tassoni (2013, p. 541), todas as “[...] ações pedagógicas [...] são [...] de natureza também afetiva.” complementadas, necessariamente, por ações motoras e cognitivas, ao contrário do senso comum, cuja concepção separa o corpo da mente e da ação pensada por esta mente e realizada por aquele corpo.

## 2.1 Uma investigação empírica sobre afetividade no ensino fundamental

Esta investigação empírica busca conhecer as implicações afetividade no Ensino Fundamental, por meio de entrevistas semiestruturadas com pessoas leigas em educação formal, profissionais desta modalidade de ensino, crianças já pesquisadas em Campinas, SP, em 2010 e 2011, e crianças e adolescentes da Região Metropolitana de Goiânia, em 2019.

Faz-se necessário compreender que as leituras manifestas pelos sujeitos pesquisados apontarão com clareza o problema a ser esclarecido, como afirma Husserl (2000, p. 88): “O fundamental é não passar por alto que a evidência é esta consciência que efectivamente vê, que apreende [o seu objecto] directa e adequadamente; que evidência nada mais significa do que o adequado dar-se em si mesmo”.

Por esta razão, o material coletado por meio das entrevistas semiestruturadas dar-se-á em si mesmo para ser apreendido, analisado e produzir a evidência das “implicações da afetividade” no Ensino Fundamental.

Segundo Trivinõs (1987, p. 138),

[...] o pesquisador qualitativo, que considera a participação do sujeito como um dos elementos de seu fazer científico, apoia-se em técnicas e métodos que reúnem características *sui generis*, que ressaltam sua implicação e da pessoa que fornece as informações. Neste sentido, talvez sejam a *entrevista semiestruturada* (sic), a *entrevista aberta ou livre*, o *questionário aberto*, a *observação livre*, o *método clínico* e o método de *análise de conteúdo* os instrumentos mais decisivos para estudar os processos e produtos nos quais está interessado o investigador qualitativo.

Opta-se, neste estudo de caso, pelas *entrevistas semiestruturadas*, *análises dos conteúdos* e *análises dos discursos* destas, instrumentos por meio dos quais se pretende descrever o fenômeno, objeto desta investigação.

Trivinõs (1987, p. 146) informa que a entrevista semiestruturada “[...] parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante”. Assim, a espontaneidade do informante conduz a linha do seu pensamento e de suas experiências rumo ao foco principal proposto e observado pelo investigador e fazem com o entrevistado ponha-se a participar na elaboração do conteúdo da investigação, ou seja, a produzir *material* a ser analisado.

As manifestações de conhecimentos de crianças, de pessoas leigas e de profissionais em assuntos educacionais acerca da afetividade no Ensino Fundamental são os objetos investigados neste trabalho.

Os sujeitos da investigação são professores do Ensino Fundamental e pessoas leigas no assunto, na Região Metropolitana de Goiânia. Cada pessoa investigada gravou uma resposta para o seguinte questionamento inicial: “O que é afetividade no Ensino Fundamental?”

Foram citadas respostas acerca da afetividade no exercício do aprendizado de crianças do Ensino Fundamental de uma escola de Campinas, São Paulo. Também foram colhidas, via entrevistas semiestruturadas, as impressões de crianças e adolescentes do Ensino Fundamental de escolas da Região Metropolitana de Goiânia, Goiás, Brasil.

O objetivo do questionamento aos adultos foi verificar se seus depoimentos demonstram conhecimento científico ou se estão pensando com base no senso comum e, também, confrontar suas concepções com as concepções científicas. As respostas à pergunta estão no item 2 deste trabalho.

O objetivo da entrevista semiestruturada com as crianças foi observar suas impressões acerca do processo de suas aprendizagens e como todos os atores do processo ensino e aprendizagem afetam e são afetados. As entrevistas semiestruturadas estão no item 3 deste trabalho: Docência e afetividade no Ensino Fundamental.

Foram colhidas 15 depoimentos (concepções) por meio da abordagem de 3 pessoas leigas e 12 pessoas profissionais em educação formal; estas com experiências vividas com crianças e adolescentes em nível de ensino fundamental.

Apresentam-se aqui, exemplos de depoimentos:

Questionamento inicial: “O que é afetividade no Ensino Fundamental?” e,

Depoimento (D):

D 1, de uma senhora idosa, analfabeta: “Carinho, paz, amor, sinceridade, humildade, preocupação com o próximo e com a união das pessoas... gosto por dança... Deus em primeiro lugar...”.

D 2, de uma senhora jovem leiga em educação:

A criança é reflexo daquilo que vive em seu dia a dia. Transmite o que aprende, na pureza de não ter discernimento de filtrar ou acrescentar nada do que absorve em sua vida. Fatores externos influenciam em seu crescimento e maturidade. No entanto, a busca de seus interesses sobressaem a qualquer sentimento.

D 3 de uma jovem mãe, com formação superior na área da saúde:

É o amor que gera o sentimento de segurança para que o estudante confie no ensinamento. O vínculo afetivo entre professor e aluno aumenta a criatividade e o interesse em aprender deste estudante, por se sentir amado e pertencente ao ambiente.

Na concepção do cientista Wallon (1995a), a afetividade é a capacidade do ser humano de ser afetado e de afetar os componentes do meio ambiente e outros seres vivos com os quais se relaciona, em especial os seus semelhantes. Em suma, a palavra afetividade tem tudo a ver com a ação de “afetar”.

Dos depoimentos das pessoas leigas a assuntos de Educação formal, foram colhidas as seguintes ideias: “Fatores externos influenciam” “sentimento” “preocupação com o próximo” “criatividade”.

De modo conclusivo, os “fatores externos influenciam” ou afetam a criança da primeira fase do Ensino fundamental, provocando-lhe algum “sentimento” que pode ser a “preocupação com o próximo” ou uma motivação de “criatividade”. Comparando-se esta ideia com a ideia científica de Wallon (1995a) é aceitável que a concepção das pessoas leigas, na condição de sujeitos investigados, esteja próxima à concepção científica de afetividade.

Concepções de 12 pessoas profissionais em assuntos da Educação formal acerca de afetividade, com nomes fictícios. Das 12, aqui estão 3.

Questionamento inicial: “O que é afetividade no Ensino Fundamental?” e,

Depoimento (D):

D 1, de uma professora *Ada*, experiente, doutoranda em educação:

Toda atividade humana é motivada por um objetivo... a relação entre professor e aluno deve ser amistosa, porque dificilmente o aluno adquire conhecimento sem gostar do professor... a motivação envolve emoções e sentimentos...

D 2, de professora *Brígida*, experiente de formação superior: “É o ato de atuação juntos, onde são professor X aluno em uma troca de saberes e mediação são momentos de interação dentro e extra sala”.

D 3, de uma professora *Dina*, estudante de Pedagogia:

A afetividade na criança, por mais simples e singela, vem acompanhada de interesses, interesses estes que já são adquiridos a partir do seu nascimento. A infância é um momento em que tudo funciona como ‘espelho, reflexo’. Partindo deste ponto de observação, ela repete tudo aquilo que vê e transforma seus interesses pautando em suas vontades.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na concepção do cientista Wallon (1995a), a afetividade é a capacidade do ser humano de ser afetado e de afetar os componentes do meio ambiente e outros seres vivos com os quais se relaciona, em especial os seus semelhantes. Em suma, a palavra afetividade tem tudo a ver com a ação de “afetar”.

Dos depoimentos de profissionais em assuntos de Educação Formal, foram colhidas as seguintes ideias: “interação”, “interesses”, “motivação”, “emoções”, “amistosa”, “amor”, “pensar na prática”, “carinho”, “prática”, “relações”, “vínculos”, “laço”, “conflitos”, “elo”

De modo conclusivo, a totalidade dos profissionais em assuntos de Educação formal ao invés de responderem *o que é*, deram *exemplos* de “afetividade”, de modo que, apesar de o número destes sujeitos da investigação ser quatro vezes maior do que o número dos leigos, o que se aproveita das 12 ideias são apenas 2 para o conceito: “relações” e “conflitos”, na possibilidade de ser dizer que a ‘afetividade é um conjunto de relações conflituosas.’

Finalmente e, o que não era esperado, em termos quantitativos e qualitativos de depoimento, os leigos em educação formal aproximaram-se mais do conceito científico de afetividade do que os profissionais em educação formal.

Tassoni (2013, p. 529) cita a fala de duas crianças (João e Gisele) para identificar implicações da afetividade no sentido da ação do verbo *afetar, provocar*, por meio da qual acontece o aprendizado delas:

Cada vez que eu vou escrevendo eu vou sabendo mais. Acho importante porque meu pai sempre fala que no futuro se você não estudar você não vai trabalhar, não vai saber nada. Então é bom estudar pra você ter um trabalho bom. (João, 4º ano)

Vai que você quer uma profissão e precisa ler e escrever aí você não vai poder ser aquela profissão. (Gisele, 4º ano).

João demonstra a influência ou implicação da afetividade no seu aprendizado, quando cita a fala do pai “se você não estudar você não vai trabalhar”, uma voz de exemplo de pessoa amada que deseja o bem para esta criança. Gisele ao dizer “Vai que você quer uma profissão e precisa ler e escrever”, demonstra a implicação da afetividade na conquista de uma profissão que depende do que ela está aprendendo naquele momento: ler e escrever. A valorização da profissão é fato que afeta a vida inteira do adulto.

Veja-se aqui, um depoimento de uma criança entrevistada em 2019:



### Depoimento 3:

A minha professora, quando passa tarefa ela, ela não faz só perguntas... também fica dando dicas p'ra ajudá... p'ra ajudá responder. Na aula de Educação física, o professor tinha um professor substituído tava lá numa queimada que ele inventou... eu acho que foi ele que inventou... só por... eu tava lá disperso na brincadeira ele me chamou de “vacilão”. Ué! Ninguém gosta disso!... (José, 2º ano).

José, 2º ano demonstra as seguintes habilidades, quanto à afetividade e a cognição:

- 1 – de querer bem à professora, pela carga afetiva do pronome: (...*minha*...);
- 2 – de afetar a si mesmo, ao se dispor a atender a comandos (...*quando passa tarefa*...);
- 3 – de exercitar o discernimento, a cognição (...*ela não faz só perguntas... também fica dando dicas*...);
- 4 – de interagir na busca de informações (...*p'ra ajudá... p'ra ajudá responder*...);
- 5 – de exercitar a cognição ao perceber diferenças naquilo que aparenta ser semelhante (...*um professor substituído tava lá numa queimada que ele inventou... eu acho que foi ele que inventou*... );
- 6 – de equiparar o significado natural de *brincadeira* com o direito de estar *disperso* (descontraído); expressar a decepção de ser julgado, de denunciar o seu espaço psicológico invadido sem permissão prévia em forma de *bullying*, impondo limites éticos (... *só por... eu tava lá disperso na brincadeira ele me chamou de “vacilão”. Ué! Ninguém gosta disso!*... ).

## 4 CONCLUSÕES

A investigação teórica constatou haver três processos no ensino e aprendizagem: o processo motor, o afetivo e o cognitivo que, integrados, constituem a identidade da criança e, por mais que forem considerados diferentes, integram-se de modo tão íntimo que qualquer manifestação de um deles implica na participação dos outros dois. A atividade humana simples ou complexa realiza-se somente com a interligação dos citados processos formadores da identidade. O processo motor implica no afetivo e cognitivo; o processo afetivo implica no motor e cognitivo; e, o processo cognitivo implica no motor no afetivo.

Para Tassoni (2013, p. 541), “O que se faz, diz, pensa, sente, aprende referem-se a processos sociais que compõem a história de cada sujeito envolvido, assim como este também interfere na constituição do contexto em que as situações ocorrem”, ou seja, o *que se faz* é a atividade *motora*, o *que se sente* é a atividade *afetiva* e, o *que se pensa* é a atividade *cognitiva*.

A repetição do processo cíclico e ativo: *ser, pensar, fazer, conviver* – resulta em:

1 – no *ser*, há a busca de energias por meio do descanso, sono, água e alimentação; esse processo provoca a) – transformações de reabilitação da identidade física, psicológica e social; b) – clareza da consciência e da imagem de si mesmo; c) disposição e aptidão para o pensamento; d) – elevação da autoestima.

2 – no *pensar* há geração de ideias a serem compartilhadas e planejamento;

3 – no *fazer* há a) elaboração de projetos previamente pensados; b) ensaio do modo como realizá-los; c) realização dos projetos; d) avaliação da produção; e, e) projeção de um novo mundo desejado; e,

4 – no *conviver* há a) partilha do pensar; b) avaliação constante do fazer; e, c) avaliação dos resultados obtidos.

Durante o processo há o desenvolvimento de conhecimentos e habilidades cognitivas; ampliação da consciência acerca dos seres históricos; e, evolução da sensibilidade e do equilíbrio emocional.

O ciclo do processo termina em esgotamento das energias e a necessidade do retorno ao *ser* pra o necessário reabastecimento.

Finalmente, a conclusão resume-se nas seguintes constatações:

1. os resultados teóricos constataam que os processos afetivos coexistem e interagem com os cognitivos de modo que, reciprocamente, um deve ser adaptado a sustentar o outro, em suas interdependências;

2. os resultados empíricos constataam que este objeto ainda não é claramente compreendido, nem explorado como acelerador da aprendizagem pelos docentes do Ensino fundamental; e,

3. as manifestações dos estudantes investigados confirmam os pressupostos teóricos.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Conselho Nacional da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**/ Ministério da Educação. Secretária de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. – Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013.

\_\_\_\_\_. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 1988.

BRUINI, Eliane da Costa. Educação no Brasil, **Brasil Escola**.

Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/educacao/educacao-no-brasil.htm>>. Acesso em: 2 maio 2019.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. Tradução de Hélder Godinho. São Paulo: Martins Fontes, 1997, p. 31.

FARIA, L. A. de. Pressuposto filosófico. **Movimento Científico Cultural de Aparecida de Goiânia**: um projeto de extensão universitária, com apoio do ensino e da pesquisa. 17. ed. Aparecida de Goiânia: Faculdade Alfredo Nasser, 2019.

FERREIRA; ACIOLY-RÉGNIER. Contribuições de Henri Wallon à relação cognição e afetividade na educação. **Educar**, Curitiba: Editora UFPR, n. 36, p. 21-38, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

HUSSERL, Edmund. **A ideia da fenomenologia**. Tradução de Artur Mourão. Rio de Janeiro, RJ: Edições 70 Ltda., 2000.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ROSSINI, Maria Augusta Sanches. **Pedagogia Afetiva**. 13. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2012.

TASSONI, Elvira Cristina Martins. Afetividade na aprendizagem da leitura e da escrita: uma análise a partir da realidade escolar. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 2, p. 524-44, 2013.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WALLON, H. **Do ato ao pensamento**: ensaio de psicologia comparada. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1995a.